

CARNAVAL DE CONGO DE MÁSCARAS DE RODA D'ÁGUA: JOÃO BANANEIRA NUM CAMINHO DE RESSIGNIFICAÇÕES

Ana Carla Ferreira dos Santos

Doutoranda em Filosofia (UFF); Mestra em Cultura e Territorialidades (UFF); Graduada em
Filosofia (UERJ). E-mail: f.ana.carla@gmail.com

Resumo: Este artigo é um recorte de um dos aspectos abordados na pesquisa de uma tese de Doutorado em Filosofia, em desenvolvimento. Ele propõe a apresentar a dinâmica de uma festa a partir do território de Roda D'água, no município de Cariacica – Espírito Santo e um personagem inserido no Carnaval de Congo de Máscaras, o João Bananeira. A abordagem escolhida envolve mostrar às origens da festa e as ressignificações contemporâneas e a preservação da memória e a sua relevância como fonte de conhecimento de parte da História do Brasil numa perspectiva contracolonial.

Palavras-chave: Cariacica; Carnaval de Congo de Máscaras; João Bananeira; Roda D'água.

Abstract: This article is an excerpt from one of the aspects addressed in the research of a Doctoral thesis in Philosophy, currently in development. It aims to present the dynamics of a festival from the territory of Roda D'água, in the municipality of Cariacica – Espírito Santo, and a character embedded in the Carnaval of Congo de Máscaras, João Bananeira. The chosen approach involves showing the origins of the festival and the contemporary reinterpretations, as well as the preservation of memory and its relevance as a source of knowledge about part of Brazil's history from a countercolonial perspective.

Keywords: Cariacica; Carnaval de Congo de Máscaras; João Bananeira; Roda D'água.

INTRODUÇÃO

O Brasil em sua extensão territorial guarda uma enorme variabilidade em aspectos diversidade de limites, divisas e fronteiras físicas e sociais arbitradas pelos homens em naturais, quer seja em sua vegetação, relevos, como em sua fauna. A geografia traduz a diversos contextos ao longo da história. Entretanto, a paisagem humana é quem rege a cultura brasileira em nossos traços mais marcantes e

determinantes. Este entendimento, aponta o quão relevante é nos conhecermos em nossa pluralidade.

Os povos originários, africanos e os colonizadores, agora refletidos em seus descendentes são os responsáveis de no seu dia a dia contemporâneo, manter vivas novas dinâmicas da tradição traduzidas em diversas festas populares. Assim, o Brasil espelha uma cultura plural que se aproxima e se afasta em cada região e que é apresentada em suas temporalidades durante o ano.

São muitas as festas brasileiras que criam marca indelével no coração do público. Temas variados, em épocas distintas que recriam o passado, alimentam pensamentos, guardam histórias de lutas, disputas e sobrevivência enquanto reverenciam memórias em homenagens mescladas com diversão. As celebrações alcançam diferentes níveis de afetos que apresentam e rememoram feitos e imaginários.

As localidades são as mais distintas, de capitais conhecidas mundialmente a lugares recônditos do interior do interior que celebram, alimentam sonhos, pessoas, preservam memórias, agradecem por épocas mais justas e que compartilharam alegria com o Brasil e o mundo suas festas e festejos.

Assim, escolher uma única festa para falar é uma tarefa difícil diante de tantas. A tarefa é árdua e envolveu para o desenvolvimento deste trabalho criar alguns critérios e trazer alguma peculiaridade. A opção foi trazer um carnaval, mas não o contido no senso comum do Brasil, o mais divulgado no mundo, mas um que trouxesse uma outra perspectiva ao se pensar num festejo que partisse de um outro referencial. Neste sentido, a escolha deu-se pelo Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'água.

O caminho que percorri para um dia escrever sobre Festas brasileiras, envolve minha história de vida. Antes de ser a pesquisadora, a doutoranda, eu sou a brasileira apaixonada pela cultura do meu país e pelo universo das Festas Populares. Neste ensejo, a existência do Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'água, Cariacica – Espírito Santo, estava nas festividades que um dia tinha ouvido falar e queria conhecer já a algum tempo, até que a oportunidade surgiu no ano de 2025.

Os desígnios da vida e do tempo permitiram que este artigo seja fruto do recorte da pesquisa de uma tese de doutorado em desenvolvimento através do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense – PFI/UFF, orientada pelo professor Dr. Fernando de Sá Moreira Zau, sob o título: *Corpos que territorializam espaços: entre o não se perder ao se encontrar o flâneur negro em diáspora perpassa a ancestralidade*.

O artigo se propõe a apresentar novos percursos que trilham pela ressignificação e construção de saberes aliados à cultura, educação e sociedade a partir

do Carnaval de Congo de Máscaras que acontece anualmente na região de Roda D'água em Cariacica no Espírito Santo, sudeste do Brasil.

A metodologia adotada tem como base teórica os estudos que se utilizam de diálogos entre autores que abordam a temática diretamente, bem como pensadores que ajudem a refletir o tema associado com as informações obtidas em conversas individuais com participantes da festa, dentre: público geral, funcionários da prefeitura e integrantes das Bandas de Congo no decorrer da pesquisa.

Em consonância com o intuito apresentado, por outro lado traz o personagem João Bananeira para investigar como se dão as novas construções de imaginário cultural que extrapola a festa e se insere na contemporaneidade aliando cultura, ancestralidade e educação e continuidade na festa.

O viés que apresento é oriundo de um festejo, e tem por ênfase a estratégia da invisibilidade, a partir da máscara ao ocultar uma identidade, como forma de inclusão através do rompimento da fronteira social. No caso, através da participação nas Festas de Congo que eram proibidas e ocorriam em algum lugar seguro, em devoção a Nossa Senhora da Penha, longe dos olhos dos senhores de escravizados. Numa época em que os escravizados eram proibidos de participar de festas religiosas frequentadas por pessoas brancas.

Assim, eles usavam de estratégias para que mesmo com os obstáculos impostos pudessem comemorar. E um dos grandes feitos de suas atitudes é que atualmente dão todo o sentido e são a razão de ser da festa. Onde o perseguido, o silenciado em sua cultura se manteve protagonista e hoje é narrador de sua história.

JOÃO BANANEIRA E O CARNAVAL DE CONGO DE MÁSCARAS NO TERRITÓRIO DE RODA D'ÁGUA

Dentre tanta pluralidade que cabe em nosso país, existe um Brasil de Festas que diz muito de nossa brasilidade capaz de proporcionar compreensão de boa parte de nossa história através de facetas singulares. Festas de origem popular, mantidas por pessoas que dentro de seu cotidiano permeado de saberes reforçam laços de pertencimento com seu território e memória da vida de seus ancestrais que se relacionam através de aprendizados transmitidos na oralidade e que passam de geração em geração. A filósofa Lélia Gonzalez (2024), em seu livro: Festas populares no Brasil a respeito das festas afro-brasileiras nos diz que:

As festas afro-brasileiras são o efeito simbólico de um extraordinário esforço de preservação de formas culturais essenciais trazidas de outro

continente e que, aqui, foram recriadas sob condições as mais adversas. Afinal, a população negra não veio para o Brasil como imigrante, mas como escrava. (GONZALEZ, 2024, p.99).

Através do pensamento da autora podemos entender que as festas afro-brasileiras nascem como força de manutenção de existência, como um símbolo da resistência e preservação cultural da população negra no Brasil, através da cultura africana em adaptações num território aonde se chega como escravizado. Essas celebrações são, portanto, uma forma de resistência e afirmação da identidade cultural afro-brasileira.

Tem pessoas que definem territórios como tem territórios que imprimem suas marcas nas pessoas. Roda D'água – antiga área quilombola, na zona rural do município de Cariacica é um desses lugares. É preciso apresentar o território, afinal uma das propostas do presente trabalho é apresentar uma festa de uma parte específica do Brasil.

Imagem 1: Local onde acontece o Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'água (abril de 2025).



Fonte: Acervo da autora.

Roda D'água abriga muitas histórias e histórias para serem contadas ganhando maior sentido, quando apresentadas de forma contextualizada. Aqui trago aqui é oriunda de solo capixaba, além de possuir várias camadas: Roda D'água, o

Congo, João Bananeira e o Carnaval de Congo de Máscaras. O Espírito Santo está situado no sudeste brasileiro, localizado entre os estados do Rio de Janeiro e Bahia. Num recorte cultural ele pode ser representado por diversos aspectos. Um dos que o mais lhe reflete em termos de manifestações culturais se relaciona com o Congo, uma manifestação secular afro-brasileira. De acordo com pesquisa de identificação do Congo do Espírito Santo feita pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, temos quanto ao Congo que:

O congo é um universo que reúne conceitos, atores, objetos, práticas, linguagens e locais em torno da devoção a São Benedito e outros santos. Seus integrantes, de forma geral, associam sua prática a categorias como “legado, tradição”; “obrigação, devoção, compromisso”; e “fazer o que sabe”. Outra categoria observada reflete pertencimento: “ser do congo”, que pode ser uma condição inata do indivíduo, como também algo que lhe é “passado”, ensinado, ou revelado. A continuidade das tradições se dá nas famílias, não só pela transmissão oral, como também pela participação, desde criança, nas atividades do congo, com os pais e avós, tios e primos. Fazem parte do congo, como bens associados, em primeiro lugar, as bandas, suas funções, narrativas, toadas, vestes, estandartes, bandeiras, mastros e instrumentos. (ORTIGÃO e NAME, 2022, p.12).

Numa conjugação entre territórios e construção de saber, o Congo, em sua tradição secular, é um símbolo da cultura do estado. Uma das mais importantes marcas da cultura popular do Espírito Santo e está presente na maior parte do território deste estado. Na área abordada neste trabalho, o Município de Cariacica – ES, a região de Roda D’Água é riquíssima nesta manifestação, onde existem várias Bandas de Congo.

O historiador José Elias Rosa dos Santos (2011), em seu artigo “Processos organizativos, memória e identidade: Etnografia e História da Transmissão Cultural do Congo em uma Comunidade Afrobrasileira – Cariacica (ES), descreve uma composição básica de Banda de Congo:

Uma banda de congo comumente é formada com um pequeno agrupamento de pessoas, girando entre 10 e 15 membros, entre instrumentistas (geralmente homens), as cantoras (na sua grande maioria mulheres), o mestre, a guardiã da bandeira, a porta estandarte e as crianças. Os ins-

trumentos usados são oriundos da tradição afrobrasileira e ameríndia. (SANTOS, 2011, p.5).

A variabilidade na formação das bandas, é um dos itens que mantém as diferenças entre elas, na atualidade. Bem como, pelas mudanças que aconteceram através da inserção de pessoas que não tem parentesco, uso de novos instrumentos, vestimentas, músicas e danças ao longo do tempo.

A partir do ano de 2015, as Bandas de Congo se tornaram Patrimônio Imaterial do estado do Espírito Santo através da Lei nº 10.363. Desde o ano de 2024, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN recebeu o pedido de registro do Congo como Patrimônio Cultural do Brasil. Destarte serem patrimônios, as Bandas de Congo, como um carro-chefe capixaba são convidadas para abrilhantar com sua apresentação os mais diversos tipos de festas, sejam elas religiosas ou não; na abertura e durante alguns momentos dos Passos de Anchieta, em eventos do Poder Público, em atividades educacionais. Além das festas organizadas pelas comunidades e pelas próprias bandas.

As festas de Congo podem ser entendidas como uma das festa afro-brasileiras que foram recriadas no Brasil através de um processo de resistência cultural e adaptação. Os africanos que foram trazidos para o Brasil, trouxeram consigo suas tradições, crenças e práticas culturais. Contudo, devido às condições precárias a que foram submetidos os impeliram e se adaptar e transformar suas tradições para sobreviver. A pensadora Lélia Gonzalez (2024, p. 99) nos ensina que:

A violência da escravidão caracterizou-se não só pela ruptura dos referenciais básicos da sociedade africana, como pela cuidadosa mistura de diferentes etnias, demonstrando grande eficácia na destruição das estruturas sociais. Aconteceu, porém, que os valores religiosos, tão essenciais nas civilizações africanas, foram resguardados pelos afro-negros brasileiros. Em seu processo de duplo ajustamento à sociedade brasileira, os escravos forjaram uma nova identidade que, de um lado, adaptava-se taticamente às exigências de obediência e fidelidade ao modelo dominante e, de outro, integrava-se de fato às formas de vidas e de pensamento que iam sendo elaboradas por sua própria comunidade. (GONZALEZ, 2024, p.99).

Temos através do pensamento da autora um fio condutor no entendimento da violência sofrida pelos escravizados africanos no Brasil ao ser imputada uma

cultura que não era a deles e sem o direito de manter a sua, o que lhes obrigou a ser mais estratégicos na manutenção de seus valores.

Um exemplo que ilustra tal situação, é o que se deu com o Candomblé, uma religião afro-brasileira que combina elementos de várias tradições africanas. A relação com alguma influência do catolicismo se dava quando os escravizados usavam as festas religiosas católicas como uma cobertura para continuar praticando suas próprias religiões.

Nos ensina a filósofa Helena Theodoro (1985), em sua tese “O negro no espelho: Implicações para a moral social brasileira do ideal de pessoa humana na cultura negra”, ao falar sobre os rituais dos negros, temos que:

A expansão dos cultos ditos afro-brasileiros em todo o território nacional (apesar da diversidade dos ritos ou práticas litúrgicas) se deve à persistência das formas essenciais em pólos de irradiação, que são as comunidades terreiros (egbé). Isto faz com que um santo da Igreja Católica, como São Jorge, possa ser cultuado num centro de Umbanda como Ogum (orixá nagô). Desta forma, o conteúdo é católico, Ocidental, religioso, mas a forma litúrgica é negra, africana, mítica. Assim, no interior da formação social brasileira, o africano manteve intactas formas essenciais de diferenças simbólicas, capazes de acomodar tanto conteúdos tradicionais africanos – orixás, eguns, contos míticos, danças – como conteúdos reelaborados aqui no Brasil. Os terreiros de candomblé vão se constituir em famílias, liderados pelos orixás que estão representados nas ialorixás ou babalorixás. (THEODORO, 1985, p.39).

Conforme o pensamento da autora, depreendemos que não era uma fusão de princípios religiosos distintos, nem um mascaramento dos rituais africanos através de uma áurea católica. Uma vez que as formas essenciais dos cultos africanos sempre foram preservadas e permaneceram negras, africanas e míticas e abarcavam o conteúdo religioso católico e ocidental, sem qualquer perda.

Assim, em alguns casos, por um determinado momento, os orixás (divindades africanas) foram associados aos santos católicos, permitindo que os escravizados continuassem a se relacionar com seus orixás sob a aparência de práticas cristãs.

Por outro lado, as festas afro-brasileiras incorporaram elementos da cultura indígena e europeia, o que resultou em uma combinação de tradições. Nelas, a música, a dança, a culinária e os rituais refletem essa fusão cultural. Além das

celebrações, mas também como afirmação da identidade cultural afro-brasileira, representadas na adaptabilidade e na força da comunidade negra em manter vivas suas tradições, apesar das adversidades.

Imagem 2: Alfredo Godô, João Bananeira e a autora.



Fonte: Acervo da autora.

No Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'água, pude ver ao vivo o personagem mascarado, chamado: João Bananeira. Esta figura tem o corpo encoberto por folhas de bananeiras e o rosto, também escondido, por uma máscara colorida.

A palavra “máscaras”, que dão nome ao Carnaval, remete a sua figura histórica, vindoura do tempo da escravidão. Quando pessoas negras não podiam participar dos festejos de Nossa Senhora da Penha e encontraram uma forma de se inserir ao ocultar sua identidade.

Quanto à origem do João Bananeira, a personificação do escravizado negro fantasiado, envolve o rompimento de fronteiras étnicas, ao se ocultar para aproveitar da celebração, sem ser reconhecido. Uma vez que na época, a presença de pessoas brancas e negras não podiam coexistir formalmente em contexto festivo ou religioso. Todavia, versões que contam que os próprios fazendeiros é que se escondiam, já que desejavam participar do Carnaval de Congo, mas temiam ser reconhecidos (Santos, 2013).

Neste ponto, em que apresento a procedência de João Bananeira, trago o ensinamento da escritora Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p.26): “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história”.

A autora nos alerta quanto ao motivo de não acatar uma história única, pois a mesma não visibiliza outras versões, e as silencia enquanto toma ares de universal. A parte que envolve a origem do personagem João Bananeira também não é única e sem sentido de ser apresentada nos moldes de uma história universal que não dava humanidade para pessoas não brancas.

A filósofa Grada Kilomba, no prefácio da obra: *Pele Negra, Máscaras Brancas* de Frantz Fanon, nos apresenta a partir de sua história pessoal, sua experiência como estudante ao querer escrever sobre negritude e não encontrar autores negros na universidade. Assim, ela nos traz o Princípio da Ausência: uma forma de entender a experiência negra num contexto de exclusão por apagamento existencial.

Mas este era um trabalho delicado, pois como é que se pode escrever sobre a negritude, num espaço onde não há um único livro escrito por autorxs negrxs? Este princípio da ausência, no qual algo que existe é tornado ausente, é uma das bases fundamentais do racismo. As obras de Frantz Fanon existem, mas são ausentes, e por isso deixam de ter existência real. O existente passa a ausente e deixa assim de existir (KILOMBA, 2020, p.12).

O Princípio da Ausência, inexistia como nomeado na atualidade na época do surgimento do personagem João Bananeira, mas abarca a compreensão pela qual certas existências são sistematicamente tornadas ausentes, ao serem apagadas,

ignoradas ou excluídas do contexto social vigente presente no período escravocrata brasileiro.

No entendimento da filósofa, esse princípio se reflete no contexto da diáspora africana ao serem encobertas as contribuições, as produções e os conhecimentos desenvolvidos por pessoas negras. O que as relega ao espaço da marginalização, onde são excluídas em diversas áreas da sociedade em quem não estão plenamente inseridas.

João Bananeira é um personagem que sobressai por meio de seu vestir e estética. E com ele nos remetemos a uma parte da História do Brasil. A origem do personagem João Bananeira traz em si, em sua existência o Princípio da Ausência em sua origem desde o período escravocrata. Em uma sociedade calcada em privilegiar uma visão desigual entre sua população.

A narrativa estético-corporal de João Bananeira, surge como uma estratégia, uma tecnologia de sobrevivência como uma quebra de fronteira social diante de uma realidade concreta de segregação. Onde se perpetuavam normas hegemônicas. Assim, o seu vestir se perfaz como um ato corporal situado como uma potente ferramenta de tecelagem identitária para ultrapassar um padrão que não o contempla como um corpo dissonante.

Sua veste possibilita ir a lugares não concebidos pelas construções sociais nos interstícios das identidades e se alimenta na fonte da força da criatividade para mudar o panorama e não aceitar a restrição ao subverter o enunciado imposto e romper com as fronteiras estabelecidas.

A Secretaria Municipal de Cultura (Semcult), no ano de 2020, registrou o Carnaval de Congo de Máscaras e o João Bananeira como patrimônios imateriais da cidade de Cariacica. A ação foi documentada por meio dos decretos municipais nº. 117 e nº. 118 de 3 de julho de 2020. João Bananeira é tão relevante para a cultura de Cariacica que através da Lei nº 6495/2023 teve instituído no calendário municipal oficial, o dia 22 de agosto – Dia do João Bananeira. O personagem também nomeia a importante Lei nº 4635/2005, Lei de Incentivo Cultural de Cariacica.

O Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'água não tem data fixa, ocorre no período da Festa de Nossa Senhora da Penha – Padroeira do Espírito Santo, oito dias após o domingo de Páscoa, numa segunda-feira. Trata-se da maior mobilização popular em torno do ritmo de Congo do estado. É uma festa organizada para e pelas bandas.

O local onde acontece o Carnaval de Congo de Máscaras, tem seu acesso por uma via não pavimentada, com muito verde das matas e nascentes ao seu redor. Ele fica em Roda D'água, que é uma região montanhosa em que predomina como

atividade produtiva tradicional das comunidades ali existentes, o cultivo da banana. Pela configuração do espaço percebe-se que o silêncio predomina ao longo do ano. O cenário muda quando é alterado pelos elementos sonoros da festa.

Assim, o som dos instrumentos: tambores; casacas com a cabeça esculpida e tocadas com uma vareta em contato com as hachuras marcadas no corpo do instrumento; cuícas; chocalhos; apitos e vozes dos congueiros e congueiras das Bandas de Congo ao cantar as toadas, sobressaem, principalmente no dia do maior evento que é o Carnaval de Congo de Máscaras que atrai pessoas de todos os lugares.

São várias as bandas de diversas partes do estado que se reúnem no Carnaval de forma harmônica em cortejo e depois em apresentações concomitantes e individuais. As de Cariacica são: as Bandas de Congo de Santa Izabel; São Benedito de Piranema, São Benedito de Boa Vista; São Sebastião de Taquaruçu; Unidos de Boa Vista; Banda de Congo Mestre Tagibe e a Parafolclórica: Banda de Congo da APAE.

Essas bandas, juntas, através dos tempos e gerações, referendam e partilham da africanidade e da magia dos Tambores de Congo ao reafirmar e legitimar seus antepassados.

No dia do Carnaval de Congo de Máscaras, diversas barracas são montadas e oferecem à população das redondezas a oportunidade de movimentar o comércio local gerando uma renda extra. A variabilidade de produtos permeia a venda dos mais variados artesanatos locais, com ênfase em alusões aos elementos do Congo e do personagem João Bananeira; comidas e bebidas; livros; produtos locais. Além da divulgação de variados serviços e atividades.

Na configuração visual, temos um grande palco coberto onde ocorre a Missa do Congo pela manhã e apresentações de artistas e das Bandas de Congo no decorrer do dia até à noite. São firmados diversos mastros que marcam o ponto onde ficarão as várias Bandas de Congo que participam do festejo, cada uma no seu mastro. Além de instalações com banheiro químico.

Vamos lá, mas o que é o Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'água?

É uma manifestação cultural rica e histórica que nos apresenta mais uma faceta do Brasil. Trata-se de um carnaval que ocorre como uma das comemorações de Nossa Senhora da Penha – padroeira do Espírito Santo. É um grande encontro de Bandas de Congo e é promovido pela Associação de Bandas de Congo de Cariacica, atualmente em conjunto com a Prefeitura Municipal.

O caminho para chegada no local é bem sinalizado, com acesso de transporte público, local para estacionamento, controle quanto ao acesso de veículos e muita segurança. O evento começa com a concentração das Bandas de Congo na Bica do Luiz, em Roda D'água, um famoso ponto de referência local.

Imagem 3: Banda de Congo em cortejo no Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'água (abril 2025).



Fonte: Acervo da autora.

Imagem 4: Bandas de Congo em cortejo no Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'água (abril 2025).



Fonte: Acervo da autora.

Imagem 5: Banda de Congo em cortejo no Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'água (abril 2025).



Fonte: Acervo da autora.

Deste ponto, as Bandas seguem em cortejo, com suas distintas sonoridades, capricho nas roupas, animação dos seus integrantes e suas toadas cantadas e dançadas, muitas do nosso cancionário popular e o acompanhamento do público. Tudo em uma rua de chão batido até se chegar num grande gramado, onde ocorre uma missa campal – A Missa de Congo.

Imagem 6: Banda de Congo em apresentação no palco no Carnaval de Congo de Máscaras de Roda



D'água (abril 2025). Fonte: Acervo da autora.

Em seguida acontecem alguns shows e participação de várias Bandas de Congo ao longo do dia. A duração gira das 08:00h às 18:00h, com muita comida, bebida, artesanatos e é frequentado por pessoas de todas as idades.

RESSIGNIFICAÇÕES QUE MANTÊM MEMÓRIAS VIVAS E ALIMENTAM CONTINUIDADE

A contemporaneidade nos apresenta através do Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'água, o quanto a manutenção dos valores africanos e afro-brasileiros através das Bandas de Congo atuaram na configuração do território em que estão inseridos. Bem como, da importância em Cariacica e seu destaque como festa no estado do Espírito Santo.

A festa emerge de um cenário de proibição da celebração do festejo, de exclusão social de pessoas negras. Deste modo, a persistência nas atividades de comemorar, mais do que devoção e alegria serviram como uma sinalização, uma forma de circunscrição territorial e manutenção de existência de um povo.

Os moldes dos festejos do Congo, com as Bandas de Congo até chegar no Grande Encontro das Bandas de Congo vivenciado no Carnaval de Máscaras de Congo de Roda D'água, refletem um caminho histórico de estratégias de sobrevivência e resistência numa sociedade que não incluía pessoas negras com dignidade.

Neste sentido, o momento atual reflete o crescimento do Congo, sua relevância de visibilidade cultural que perpassa a economia no que movimento o comércio local na festa anual e se insere como data comemorativa no calendário capixaba. O cenário implica ressignificações através de festas e apresentações.

Temos assim, uma cultura que faz a manutenção da história, muitas vezes silenciadas e que não chegaram por muito tempo aos bancos escolares de modo formal, nem passou pelos currículos. Mas, que por outro lado se preserva por distintos caminhos, como na poética de Cinthia Pretti (2017), em seu livro Cariacica em versos.

Em consonância com a valorização da História e da Cultura africana e afro-brasileira, pregada na Lei 10.639/2003, encontramos no trabalho de Julia Muniz (2019), um caminho na via educacional. A base é um Projeto Educativo em Arte para crianças da Educação Infantil através do Congo de Máscaras. Onde a partir do conhecimento da cultura local foi encontrado um caminho numa perspectiva decolonial. No prisma encontrado, a autora nos diz que:

Na nossa perspectiva, levar a história das máscaras de congo para dentro da sala de atividades é democratizar o ensino da Arte e da cultura, é (des) mascarar o que é invisibilizando e negado, é uma possibilidade de “[...] deixarmos de ser o que não somos” (MOURA, 2017, p.22) e é também uma tentativa de estancar as “[...] feridas ainda abertas pela colonialidade” (MOURA, 2017, p. 30). O desejo de (des) mascarar nesse escrito tais práticas vai ao encontro das máscaras de João Bananeira. Esse personagem cariaciquense, que nasce no anseio do povo negro de fazer parte da festividade da Igreja Católica, entendendo que, o aspecto religioso está intrínseco à manifestação do congo. (MUNIZ, 2019, p.13).

Muniz nos traz aspectos da diversão e da devoção pela via da invisibilidade como componentes de uma mesma estrutura cultural. Neste ensejo, podemos pensar que João Bananeira se mascara muito mais para não ser reconhecido como negro, que para mascarar, ou quem sabe, camuflar, sua religiosidade, seus costumes e suas tradições.

A autora, em seguida informa que no desenvolver de seu trabalho, relacionou a ação dos negros ao se mascarar e criar um personagem como uma forma de dissimular, esconder e preservar seus conhecimentos. Ela entende que trazer temáticas e metodologias não-europeias, possibilita que as crianças tenham outras alternativas e perspectivas de ensino e aprendizagem.

O entendimento de Julia Muniz, em relação às crianças, demonstrou a ampliação do repertório artístico-cultural e de valorização da cultura local, na qual estão inseridas. Além de aproximar as crianças de uma realidade cultural não tão comum a elas, mas ao mesmo tempo muito próxima.

Em sua análise quanto ao trabalho aplicado, também, foi percebido o quanto as crianças se mostram interessadas em conhecer artistas que estão próximas a elas, pois geralmente, há uma idealização da figura do artista por parte delas, como alguém que está muito distante e quase inacessível.

Em função desta informação da professora Julia quanto ao imaginário das crianças quanto aos artistas, trago o papel de Alfredo Godô, o artista capixaba, dançarino de samba solto e passista de carnaval Godô Sambista que dá vida ao personagem João Bananeira e tem feito várias atividades educativas ao manter viva a memória do personagem ao longo do ano, não mais restrita ao dia do Carnaval de Congo de Máscaras.

O artista tem estreitado sua relação com o público infantil e divide com os interessados a divulgação de suas atividades com o personagem João Bananeira, através de seu perfil: @joaobanaeiracariacica na Rede Social Instagram. Seu trabalho de manutenção de memória ao reacender a cultura e a história se dá através de: Contações da história do personagem; apresentações.

Ao mostrar como a cultura pode ser passada de geração a geração quando divide parte de seu cotidiano, como a alegria de seu neto Miguel ao se vestir de João Bananeira para se apresentar em sua escola. Bem como, apresentações com visitas em escolas, como parte do Projeto João Bananeira na escola que alia a história do personagem com materiais pedagógicos produzidos pelas escolas e seus alunos.

Na seara da manifestação cultural, as Bandas de Congo e João Bananeira nos incitam um olhar mais atento e cuidadoso para a cultura local, numa compreensão melhor sobre o processo colonial e a colonialidade do nosso saber. Em detrimento a um saber universal que silencia culturas diversas.

Neste ensejo, o ano de 2026 nos brindará com mais uma propagação da cultura capixaba. Ele marcará um outro referencial para a cultura de Cariacica através de João Bananeira e do Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'água. Segundo noticiado pela Folha de Vitória, a escola de samba Independente de Boa Vista, campeã do Carnaval de Vitória do ano de 2025, terá como enredo para o Carnaval de 2026, "João Bananeira: a voz que dança nas folhas da resistência", homenageando o Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'Água em Cariacica.

O enredo tem o intuito de resgatar e celebrar a ancestralidade e a cultura afro-capixaba, mostrando como os negros escravizados usavam o Carnaval de Congo para expressar suas dores e esperanças. A escola de samba pretende mergulhar na memória ancestral de Cariacica, destacando o Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'Água como um momento de resistência e expressão cultural.

O desfile será assinado pelo carnavalesco Cahê Rodrigues, com texto dos enredistas Clark Mangabeira e Victor Marques. O enredo também explorará a figura de João Bananeira, que representa o "riso subversivo" e a manutenção da identidade cultural negra através da festa e da música.

O caminho das ressignificações nos mostra o quanto as tradições são dinâmicas e vivas. As festas de Congo foram passadas para as gerações mais velhas, nas palavras de Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo (2023), gerações avós através da oralidade e do exemplo.

José Elias Rosa dos Santos em seu trabalho de pesquisa - Processos organizativos, memória e identidade: Etnografia e História da Transmissão Cultural do Congo em uma Comunidade Afrobrasileira - Cariacica (ES), entrevistou Mestre Itagibe, da Banda de Congo de Santa Izabel que quanto às formas de transmissão disse que:

(...) de vez em quando eu falo pra eles, “oh meu filho, meu pai quando me criou, ele me criou e eu tinha que acompanhar ele, se não acompanhasse tomava uma surra, por isso eu quero que vocês me acompanhem, eu não vou bater em vocês, mas eu quero que vocês me acompanhem por que pra nós, nós temos que manter nossa tradição”. E então graças a Deus eles me respeitam e onde eu estou eles estão junto comigo. (SANTOS, 2011, p. 8).

Com base no relatado por Mestre Itagibe, à luz da atualidade, podemos refletir sobre a inviabilidade de guardar ou querer que os mesmos parâmetros adotados por seu pai sejam exigidos na análise da transmissão de saberes. Ele mesmo já adotou outro comportamento ao ensinar seus filhos. Temos, que a dinâmica vigente apresenta mudanças nos modos de transmitir a cultura entre uma geração e outra.

O contexto que envolve o aprendizado envolve pessoas que agora tem acesso mais facilitado ao estudo formal e assim, obter outras compreensões de mundo. Assim, novos arranjos surgem e a forma de se educar seja no ambiente domiciliar como no sistema educacional regular acolhe outros caminhos.

Um percurso frutífero oriundo da observação em campo foi percebido ao presenciar os personagens João Bananeira e sua interação com as crianças ao correr pelo gramado. Trata-se de um momento precioso, em que a continuidade do futuro da festa se mostra diante de nossos olhos. As crianças criam memória ao inventar brincadeiras com o João Bananeira.

Algumas crianças, de idades variadas, em pequenos grupos, outras individualmente, se aproximam e vão aderindo aos poucos ao entender a brincadeira. Em alguns momentos elas instigam João Bananeira a correr atrás delas, outras vezes são elas que correm atrás do personagem com o intuito de retirar as folhas de bananeira que fazem parte da sua vestimenta de João Bananeira.

Imagem 7: Momentos de João Bananeira em interação com crianças no Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D'água (abril 2025).



Fonte: Acervo da autora.

Perguntei a algumas das crianças se elas sabiam quem é que estavam por baixo da roupa. E a resposta foi de que não sabiam quem era. O intuito de retirar parte da veste era só por brincadeira mesmo, sem se importar com a identidade que poderia ser revelada. Muitas chegavam com seus pais e pediam para tirar fotos. Uma mãe me disse que só estava na festa por causa do filho que pediu para ir ver João Bananeira.

Não há qualquer pré-requisito para ser um João Bananeira, só a vontade mesmo. É comum vê-lo transitar durante toda a festa. Pude constatar que o personagem do João Bananeira é algo que povoa o imaginário das pessoas desde a infância. Ele é replicado por um grande número de pessoas que se vestem como ele, independente de gênero.

Em conversa com algumas pessoas que estavam vestidas de João Bananeira, soube da vontade que alguns alimentaram por anos de um dia se vestir assim. Tinha

quem já se vestisse de João Bananeira por muitos anos, outros estavam debutando no Carnaval de Congo de Máscaras na festa do ano de 2025 com o personagem.

Um momento mágico que envolve todo o público é quando o personagem de João Bananeira é convidado a subir no palco durante a apresentação de algumas Bandas de Congo e tem seu momento de performance ao dançar e principalmente ao som do coro que se faz ao entoar: “Ê Bananeira!!! Ê Bananeira!!! Ê Bananeira!!!” A sensação é de quase um transe entre público e personagem e o João Bananeira que está no palco representa todos os João Bananeira que existem e existiram.

Esta cena me fez pensar no quanto o Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D’água mantém a memória viva de uma história que já foi silenciada. A invisibilidade criada para possibilitar o direito de existir, assume outra conotação e faz da invisibilidade não mais necessária a força de mostrar uma existência. Assim, a estratégia usada com a ocultação de quem se é ao ser excluído atrai novos corpos que são incluídos e não precisam mais se esconder. O Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D’água é uma experiência encantadora a ser vivida!

CONSIDERAÇÕES

O estudo de uma festa pode nos possibilitar a compreensão da dinâmica de vida de um povo através de suas celebrações. A análise do Carnaval de Congo de Máscaras de Roda D’água, proporciona o aprendizado que se traduz no percurso do Congo no território de Roda D’água ao longo do tempo.

Delineia-se assim, o campo das ressignificações desde as comemorações escondidas, o crescimento do Congo até a manutenção da tradição com as Bandas de Congo que desembocam na Grande Festa de Encontro que se dá no Carnaval de Congo de Máscaras.

Saber da historicidade do João Bananeira é ter contato com um Brasil desigual, que não reconhecia a diversidade de sua composição social e castrava as manifestações culturais por parte de quem ele não reconhecia como humano em direitos. Por outro lado, uma vez a conexão estabelecida com uma história que foi silenciada permite analisar as ações do presente sob outra ótica.

A Festa do Carnaval de Congo de Máscaras e o personagem João Bananeira, ofertam para adultos e crianças uma aproximação entre culturas e modos de vida diversos. E, assim, demonstram a possibilidade de coexistência de pessoas que são diferentes e que possuem gostos e costumes diversos, entretanto, todas merecem respeito quanto à sua diversidade.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AZEVEDO, Cinthia Pretti. **Cariacica em versos**. Cariacica: Ed. Do autor, 2017.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PI-SEAGRAMA, 2023.
- BRASIL. **Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2003. Disponível em: L10639 (planalto.gov.br). Acesso em: 06 mar. 2024.
- BRASIL. **Lei nº. 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília: Casa Civil, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm Acesso em: 06 mar. 2024.
- CRUZ, Luiz Antonio da; BOAVENTURA, Maria José; GOMES, Márcia Heliane. **Memória e Tradições Populares**. Tiradentes: Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes, 2016.
- FOLHA DE VITÓRIA. **João Bananeira será enredo da Boa Vista no Carnaval de Vitória 2026**. Disponível em: João Bananeira será enredo da Boa Vista no Carnaval de Vitória 2026. Acesso em 25 jun. 2025.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- GONZALEZ, Lélia. **Festas populares no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2024.
- KILOMBA, Grada. Prefácio. In: FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- LEI Nº. 4.368, DE 29 DE DEZEMBRO DE 2005. Dispõe sobre a criação do Projeto Cultural “João Bananeira”. Disponível em: LEI 4368/2005 29/12/2005. Acesso em: 29 jun. 2025.
- MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MARTINS, Leda Maria. A Oralitura da Memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MENDES, Grazi. **Ancestrais do futuro: qual mudança que seu movimento alcança?** São Paulo: Benvirá, 2024.

MUNIZ, Julia. **O congo de máscaras na Educação Infantil: (Des) mascarando o ser e o saber do Brasil afro indígena**. Caderno de Produção Acadêmico-Científica (ISSN: 1676-840X). Programa de Pós Graduação em Educação, Vitória-ES, v. Esp., n. 1, p. 121-133 Edição Especial, 2019.

ORTIGÃO, Elisa Ramalho.; NAME, José Otávio Lobo. **Congo do Espírito Santo: pesquisa de identificação**. Vitória: Iphan, 2022. Disponível em: Busca - IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional . Acesso em: 07 jul. 2025.

SANTOS, José Elias Rosa dos. **Carnaval de Congo e máscaras: Mãos que tocam, trabalham e criam redes de poder**. Publicado no Congresso Internacional de História, Jataí-GO. Dossiê Africanidades Transatlânticas. Revista do arquivo público do ES, 2016.

SANTOS, J. S. **Processos organizativos e identidade afrobrasileira: A transmissão cultural do congo em Cariacica/ES**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2013. Disponível em: Material didático | Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros. Acesso em 11 jul. 2025.

SANTOS, José Elias Rosa dos. **Processos organizativos, memória e identidade: Etnografia e História da Transmissão Cultural do Congo em uma Comunidade Afrobrasileira - Cariacica (ES)**. In: Seminário Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Vitória: Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais, v. 1, 2011.

SILVA, Sandra Regina Ribeiro da. **Estandartes e Máscaras do Congo de Cariacica: A importância da Cultura Popular na Formação Artística, Cultural e Social das crianças na Educação Infantil**. Vitória: UFES, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

THEODORO, Helena. **O negro no espelho: Implicações para a moral social brasileira do ideal de pessoa humana na cultura negra**. (Tese de doutorado em Filosofia). Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1985. Disponível em: HELENA-THEODORO-O-NEGRO-NO-ESPELHO (2).pdf . Acesso em: 13 jul. 2025.